

Caminho sinodal de Papa Francisco para uma ética econômica do cuidado

Pope Francis' Synodal Path to an economic ethics of care

Elizeu da Conceição*

Recebido: 14/04/20

Aprovado: 29/04/20

Resumo

O artigo tem como objetivo relaciona a proposta de encontro de estudantes de economia convocados pelo Papa com o estilo sinodal do seu pontificado. O autor ao fazer a referida aproximação põe em destaque a possibilidade dos jovens, estudantes de economia, serem despertados para a perspectiva de economia que se volte para a vida, que não seja excludente nem predadora da criação. O evento se mostra como uma proposta sinodal por se propor debater ideias e por quere dar espaço par um pacto em vista de um mundo humanamente viável. O envolvimento dos jovens, como participantes principais, supera o risco de pensar o futuro em que eles sejam considerados simplesmente destinatários; pois, eles são membros vivos e ativos desta sociedade em constante mudança. O apelo, portanto, é para que se caminhem juntos na construção de uma sociedade em que a economia tenha um rosto mais humano.

Palavras-chave: Economia. Papa Francisco. Mundo Humano. Sinodalidade. Jovem

Abstract

The article aims to relate the proposed meeting of economics students called by the Pope with the synodal style of his pontificate. The author makes this approach and highlights the possibility of young people, students of economics, waking up to the perspective of economics that turns to life, that does not exclude anyone or deprive creation. The event shows itself as a synodal proposal because it proposes to debate ideas and to make room for a pact in view of a humanly viable world. The involvement of young people, as main participants, overcomes the risk of thinking about the future in which they consider themselves simply recipients; they are living and active members of this ever-changing society. The call, therefore, is for them to walk together in building a society in which the economy has a more human face.

Keywords: Economy. Pope Francis. Human World. Synodality. Young people.

Introdução

Ao nos empenharmos com a reflexão sobre o tema *A Sinodalidade e a Economia de Francisco* percebemos a sua amplitude e urgência, sobretudo, no presente momento em que o mercado mundial sofre um *Circuit breaker* ou um colapso por causa da pandemia do COVID19. Deparamo-nos, então, com um natural questionamento que

* Elizeu da Conceição é bacharel em Teologia, pelo ITESP, e em Filosofia, pela PUCAMP. É mestre em Teologia Pastoral, com especialização em Pastoral Juvenil, e doutorando em Teologia pela Università Pontificia Salesiana di Roma. E-mail: uezile2008@gmail.com.

toca à fragilidade de tal modelo econômico: como superar o entrave do modelo de pensar a sociedade pautada apenas pelo livre comércio, em que o fundamental é o consumo? Este questionamento não nos levará a discorrer sobre a dimensão técnica da economia mundial, mas sim, se voltará para o rosto que a economia tem apresentado ou deveria apresentar nos últimos anos. Será este rosto que nos dirá se os cristãos estão vivendo uma sinodalidade no cotidiano da sua existência, ou seja, se estão caminhando juntos para formar uma sociedade baseada nos valores fundamentais da vida.

Dessa forma, o objetivo geral deste artigo é demonstrar que o evento sobre a economia de Francisco é mais do que um encontro para discutir o futuro da economia, pois abrange um modo de caminhar juntos, que é denominado sinodalidade. Sob esse viés, observa-se que as relações sociais demandam uma transformação econômica, que embasa as escolhas individuais e coletivas rumo ao desenvolvimento sustentável e rumo às relações humanas como primordial na organização social.

No que diz respeito ao evento *The economy of Francesco*, a ser realizado na cidade natal de São Francisco, Assis-Itália, a primeira grande novidade está na convocação dos participantes. Os integrantes não serão economistas ou políticos renomados, mas milhares de jovens estudantes ou atuantes em projetos de desenvolvimento econômico / social sustentável, conforme é visto na carta de convocação, a qual é iniciada, pelo Papa Francisco, com as seguintes palavras:

Caros amigos, estou escrevendo para convidá-los a uma iniciativa que tanto desejei: um evento que me permita conhecer quem hoje está se formando e está iniciando a estudar e praticar uma economia diferente, que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a depreda. Um evento que nos ajude a estar juntos e nos conhecer, que nos leve a um ‘pacto’ para mudar a atual economia e dar uma alma a economia do amanhã. (FRANCISCO, 2019).

Com esta convocação, cujo objetivo se direciona a um *pacto para mudar a atual economia e dar uma alma à economia do amanhã*, percebe-se que o modelo adotado pelo Papa Francisco na condução da Igreja é o mesmo desejado por ele para as novas gerações na organização social mundial. Não existe um projeto, feito em escritórios, para o futuro da humanidade e do planeta, mais do que um projeto, existe um estilo de método (caminho) que chama à responsabilidade todas as pessoas de boa vontade.

A segunda novidade deste evento, como já acenamos, está no método do Sumo Pontífice. Ele não usa da autoridade da sua função para propor mudanças, mas coloca-se como um membro ativo e acolhedor das diversas propostas provindas de todo mundo. A escuta é uma atitude ativa de quem se propõe a dialogar, ou seja, de quem se preocupa

com o início de um novo modo de caminhar. Este novo modo é o que chamamos de sinodalidade, pois, mais do que traçar planos de ação, há a abertura para uma estrada possibilitadora da inclusão de todos aqueles, católicos e não católicos, que sentem a urgência do zelo para com a casa comum (a terra).

1. Novos caminhos a partir da sinodalidade eclesial

Sinodalidade é uma expressão que se tornou popularmente conhecida recentemente, sobretudo com o magistério do Papa Francisco, mas que remete a um antigo vocábulo. Neste momento, nos atentaremos a alguns dados etimológicos que são necessários para tornar mais claro o conteúdo e o uso dessa expressão. Sinodalidade vem da antiga palavra *sínodo* composta pela preposição *σύν* (= com) e do substantivo *οδος* (= caminho) – caminhar com/caminhar juntos. Na aplicação teológica, o termo remete para o caminho feito coletivamente pelo Povo de Deus. E desde os primeiros séculos, o significado específico de *sínodo* era a assembleia eclesial convocada, em vários níveis (diocesano ou universal), para discernir as questões doutrinárias, litúrgicas e pastorais (COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE, 2018, n. 3). Nas últimas décadas, nota-se um recorrente uso da palavra *sinodalidade* na literatura teológica. Essa expressão, derivada de sínodo (*σύννοδος*), se refere à dimensão constitutiva da Igreja. É uma consciência eclesial que se molda pelo *caminhar juntos* formando o *modus vivendi et operandi* da Igreja como Povo de Deus que se manifesta e realiza o seu ser *povo* no caminhar juntos.

Com o esclarecimento da dimensão etimológica de sinodalidade, veremos os passos concretos que esse modo de caminhar nos indica, especialmente em um mundo governado pela dimensão econômica.

Desde 2013, quando Jorge Mario Bergoglio foi eleito Papa, o caminho de escuta do povo de Deus está sendo intensificado. Os quatro sínodos convocados pelo Papa Francisco (cujas temáticas estiveram sintetizadas em: Família por 2 vezes, Juventude e Amazônia) foram permeados pela escuta e diálogo. A reflexão sinodal dos bispos não se realizou simplesmente com um diálogo entre *pastores*, mas recolheu e interpretou a escuta do corpo vivo da Igreja. *A coragem de falar deve corresponder à humildade de escutar* (FRANCISCO, 2018) disse o Santo Padre. Mais do que uma afirmação, este é um ritmo programático e desafiador estabelecido para Igreja e para a sociedade, ambas conclamadas a uma profunda revisão no seu estilo de organização.

O modelo proposto pelo Papa é um grande desafio, principalmente pelo momento religioso atual. As grandes profecias que apresentavam ideais de transformação social

que valorizavam e cuidavam dos pobres, foram mudadas por ideais de santidade vista como conduta reta no campo moral, sobretudo o sexual.

Historicamente houve um deslocamento do acento profético. Deixou-se infelizmente o campo social para concentrar-se em ameaças aos escândalos morais, especialmente no referente aos desmandos sexuais e ao abandono das práticas religiosas. Os sermões proféticos e apocalípticos carregavam-se de ameaças para os culpados. (...). Esse tipo de profecia caducou, embora igrejas neopentecostais conservadoras continuem com o mesmo discurso. Até mesmo chegam a apresentar a pobreza como castigo de Deus e a riqueza como bênção. Basta frequentar a teologia da prosperidade para ouvir esse discurso. (LIBANIO, 2003, p. 164)

O desafio descrito é o mesmo, tanto eclesial como social. A impressão é que politicamente o discurso gira em volta do desenvolvimento econômico a todo custo. E, embora a sinodalidade pertença em modo constitutivo à identidade da Igreja, proporciona uma sólida base de compreensão da conjuntura social atual. A sinodalidade chama ao caminhar juntos em todas as dimensões de organização da vida humana, inclusive na econômica.

Isso posto, compreende-se que o elemento fundamental de união entre o conceito *sinodalidade* e o evento *Economy of Francesco* é o jovem. O evento não está sendo pensado como um conjunto de projetos e iniciativas para os jovens, mas está sendo pensado e realizado em um percurso junto com eles. Neste percurso estão borbulhando iniciativas em todo mundo, sobretudo, conferências online nas quais os jovens partilham experiências e sonhos para um mundo em que a economia tenha alma e não seja ávida apenas pelo acúmulo que condena milhares de pessoas a viverem na miséria absoluta.

Logo, podemos arriscar em afirmar que a atitude dos jovens sonhadores desse mundo mais justo, é uma atitude profética, independentemente do modo como professam sua fé, visto que denunciam a economia de morte e anunciam uma economia que seja servidora da vida. Esse modo de pensar, deverá revolucionar o estilo de mentalidade, principalmente dentro do mundo eclesial para que *σύννοδος* (caminhar juntos) se torne fermento de uma nova sociedade.

2. Reconhecimento de uma economia que mata

O evento *The economy of Francesco* está embrenhando por um caminho original, sobretudo, por um percurso de contraste com o atual modelo econômico mundial. Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* a afirmação do Papa Francisco sobre esse atual modelo econômico é perturbadora: *Esta economia mata* (EG, n. 53).

O atual modelo econômico associa-se ora como efeito, ora como causa, à ideologia do mais forte, do mais preparado tecnicamente. Assim, todos os que estão sem capacidade de assimilar a tecnologia avançada, e são, por essa razão, excluídos, terminam por se culpabilizar por tal situação. Dessa forma, os pobres de hoje já não são os de ontem. Os pobres de ontem eram os filhos da carência da natureza, das secas terríveis do Nordeste, das enchentes, das regiões inóspitas. Os pobres de hoje são filhos do sistema, são aqueles que estão próximos da morte em todos os sentidos.

Podemos entender melhor a afirmação do Santo Padre quando analisamos a nossa realidade social e fazemos emergir claramente a grande divisão de classes sociais. Alguns esbanjam fazendo uso do que falta à mesa de muitos. Da mesma forma, se torna mais clara a dimensão de pobreza quando lemos em uma das publicações do teólogo Gutiérrez, a seguinte afirmação:

Hoje percebemos cada vez mais claramente o que está em jogo em tal situação: a pobreza significa morte; morte provocada pela fome, pela doença ou pelos métodos de repressão empregados por aqueles que veem seus privilégios ameaçados diante de qualquer esforço de libertação dos oprimidos; morte física à qual se acrescenta uma morte cultural, porque em uma situação de opressão se vê destruído tudo o que dá unidade e força aos desprovidos deste mundo (...). É disso que se trata quando falamos de pobreza, da destruição das pessoas e dos povos, das culturas e das tradições; especialmente da pobreza dos mais desprovidos; os índios, os negros e a mulher – que, nessas camadas, se encontra duplamente marginalizada e oprimida. Por isso, não se pode limitar a noção de pobre a uma classe social determinada. (GUTIÉRREZ, 2000, p. 24).

É evidente que não bastam discursos religiosos e políticos para a mudança do modelo econômico. O passo essencial está no reconhecimento de que esse modelo econômico favorece o acúmulo, gerando o enriquecimento de alguns e o empobrecimento de muitos. E quando a pobreza faz parte do planejamento econômico, mostra-se o espírito de uma ‘economia que mata’. O reconhecimento da fragilidade deste modelo econômico, no sentido de servir a humanidade nos leva a pensar o ser humano em sua integralidade, pois *qualquer análise que reduza o pobre e a opção a favor dele a um plano puramente econômico e político está equivocada e, em nossa perspectiva, é reducionista* (GUTIÉRREZ, 2000, p. 24).

O valor humano é superado pelo valor econômico. Essa afirmação se torna evidente diante da realidade de crescimento do número daqueles que vivem abaixo da linha de pobreza enquanto a política se organiza em favorecimento do livre mercado. *A economia de mercado livre, na sua expressão mais rígida, que ainda vigora em nosso continente e é legitimado por ideologias liberais tem alargado a distância entre ricos e pobres, pelo fato de antepor o capital ao trabalho, o econômico ao social* (PUEBLA, n.

47). Com os bancos e as grandes empresas ditando regras políticas percebe-se que o discurso do crescimento econômico se torna necessário à inclusão social e é bem acolhido por todos. Mas, os dados dessa inclusão não são confirmados pela realidade e corroboram apenas a confiança ingênua na espera pela bondade daqueles que detêm o poder econômico. Muitas vezes parece mais fácil acreditar na bondade e generosidade desses do que no desafio de caminhar juntos, dando voz e vez a todos.

Compactuar com um estilo de pensamento reinante na sociedade atual, na qual o desenvolvimento econômico é sinônimo de patriotismo, significa condenar à morte aqueles que não pertencem à nossa pátria. Nos preocupamo-nos tanto com a queda da bolsa de valores, ou com a alta do dólar e não somos capazes de chorar com os milhares de mortes diárias de pessoas por causa da fome e da sede. Parece que essas pessoas não são importantes para nós, valem menos que os números econômicos.

Com essa mentalidade, acima descrita, geramos grande exclusão, criando bolsas de pobres (periferias, favelas etc.). *Com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são 'explorados', mas resíduos, 'sobras'* (EG, 2013, n. 53). Não ter a ousadia de pensar fora do padrão é anestesiarse e compactuar com a morte prematura e cruel de tantos seres humanos.

3. A economia e a ecologia integral

Com o Concílio Vaticano II, a Igreja se manifestou de modo mais contundente sobre o estilo econômico reinante e afirmou que a organização econômica não significa somente produção de bens materiais, mas um caminho para a plena realização da vontade de Deus e a elevação do ser humano no caminho da plena dignidade. (LG, n. 64-65). À vista disso, pensar na dignidade humana é pensar em outros elementos que vão além do humano, chegando à ecologia integral. No magistério do Papa Francisco, este elemento se torna indispensável para pensar a economia.

O conceito de ecologia integral supera a ideia de temas ligados apenas ao desmatamento, à extinção de animais, à poluição da água e do ar, ele é ligado às múltiplas consequências do modelo econômico que levou o planeta ao estado de degradação social e ambiental. Essa ecologia diz respeito, também, às tradições das comunidades indígenas, quilombolas etc., as quais são dizimadas em nome da globalização.

Para refletirmos sobre uma nova economia devemos ter presente a ecologia integral que nos pede para ouvirmos as inquietações provindas da terra. Nessas

inquietações, está implícito o imperativo quanto ao reconhecimento de direitos e responsabilidades dos seres humanos em meio a tantos outros seres. Torna-se necessário reconhecer o valor da diversidade, bem como o valor singular de cada ser através do respeito, da tutela e da promoção conforme suas potencialidades e limites fazendo parte como um micro-organismo dentro de um macro sistema. Trata-se de *viver em harmonia consigo mesmo, com a natureza, com os seres humanos e com o Ser supremo, dado que existe uma intercomunicação entre o cosmo inteiro* (SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 12).

O Papa Francisco analisa com profundidade o que está acontecendo com nossa Casa Comum e adverte-nos para a necessidade da utilização de pesquisas científicas, imprescindíveis para a compreensão das dimensões deste planeta; entretanto, dando um passo além, no sentido de deixar-se tocar pela terra em profundidade e deixando-se *transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo* (LS n. 19). O Papa tem consciência que por detrás dos dados científicos há um sofrimento humano e muitas feridas no corpo da Terra e, como tudo é interligado, ninguém está fora dessa relação¹. Sentir com a terra é um passo importante na comunhão com os demais seres. Para tanto, é necessário passar da prepotência de projetar o caminho da natureza à humildade de acolher a proposta da terra. Vale ressaltar que a natureza opera de forma ativa, cuidando do planeta. O ser humano deve entregar-se à proposta da natureza que é de profunda sabedoria, de conhecimento do universo e de harmonia com o todo. Ao mesmo tempo, sem ser contraditório, o ser humano tem o compromisso de pensar no desenvolvimento e na evolução de todos os seres, sem ofender a potencialidade de cada elemento.

Assim sendo, a sensibilidade juvenil na convivência com a diversidade revela a consciência natural de que a biodiversidade faz parte da existência e está em comunhão com a natureza que já tem seu controle natural de todas as espécies de maneira a dar condições de vida a todos. Tal sensibilidade ao respeito pelo meio ambiente é a clareza de que a falta de cuidado com a terra é o caminho de novas formas de pobreza, porque tudo está interligado (SÍNODO 2018, n. 153). E quando se fala em vida, se fala de um dos grandes anseios dos jovens atuais, a procura da vida em sua abundância, em sua inteireza, em sua integralidade.

Portanto, a economia deve levar em consideração a ecologia integral, ou seja, o todo da vida. Se, de um lado as injustiças cometidas contra os pobres e as agressões

¹ Este tema é bastante recorrente na *Laudato Si'* 70, 91, 117, 120, 138, 139 e outros.

ecológicas contra o nosso planeta, geralmente, são frutos do Império que contamina as águas e o ar provocando a mudança climática, pela qual, em razão da interligação, a terra dá sinais de esgotamento de seus recursos e em muitas partes do mundo a pobreza cresce gerando tantas consequências trágicas; de outro lado *o capitalismo, em sua realidade última, o neoliberalismo, é um sistema pensado, organizado e administrado com uma única finalidade: acumular ganhos* (CASTILLO, 2012, p. 178). Esse acúmulo dá poder progressivo de forma contínua a menos pessoas, de modo os recursos naturais sejam utilizados para o bem-estar de poucos privilegiados. A saída deste grande sistema passará pelo pacto entre as novas gerações que saibam conjugar economia e ecologia integral.

4. Uma economia que se vista de jovialidade

Como já tratamos anteriormente, a atitude de escuta é estritamente ligada à sinodalidade, pois refuta a atitude de fechar-se em um círculo vicioso e abre-se à novidade. Quando qualquer sistema se abre ao diálogo com os jovens, foge dos julgamentos pré-concebidos e entra no seu mundo pessoal reconhecendo o seu valor insubstituível. A Igreja encontra o seu ícone, de sinodalidade, no Ressuscitado, o qual dá início ao seu caminho com os discípulos de Emaús entrando em contato com eles através da escuta, interessando-se pelas suas dúvidas: *Do que vocês estão falando pelo caminho?* (Lc 21, 17).

Outro ponto fundamental de pensar em uma economia vestida de jovialidade é abrir-se ao futuro ao qual os jovens são portadores, as inquietações que eles carregam, a novidade dos seus pontos de vista sobre o mundo, a política, a Igreja. O ponto central está em não absolutizar o modo de pensar deles e, tampouco, defender-se deles com a presunção que o modo de pensar dos adultos ou idosos seja mais sábio e livre de condicionamentos.

Em certos aspectos, os jovens podem estar mais adiantados do que os pastores. (...) o dinamismo juvenil constitui uma energia renovadora para a Igreja, uma vez que a ajuda a libertar-se de pesos e atrasos, e a abrir-se ao Ressuscitado. Ao mesmo tempo, a atitude do Discípulo Amado indica que é importante permanecer em contato com a experiência dos idosos, reconhecer o papel dos pastores e não avançar sozinho. Assim haverá aquela sinfonia de vozes, que é fruto do Espírito. (SÍNODO, 2018, n. 66).

O desejo de olhar para além de modelos de desenvolvimento ultrapassados e incapazes de fazer justiça possibilita ver nos jovens aqueles que podem ser menos condicionados pelas ideologias do passado. Vestir-se de jovialidade é vestir-se de coragem para dar espaço aos inovadores sociais, que são criativos e capazes de sonhar

não só com valores econômicos, mas com uma sociedade em que as relações humanas encontrem espaço adequado.

O protagonismo jovem se revela como uma grande oportunidade de unir raízes e sonhos, realidades e utopias. Essa união é fundamental para não esquecer a história ou o passado, e, além disso, para não ter medo de se arriscar em caminhos novos e renovados.

Com o protagonismo do jovem em direção a um pacto por uma economia mais humanizada, destaca-se a presença ativa em um método que favorece o *fazer caminho juntos*. O jovem passa de receptor de informações e formações a um ativo produtor de ideias e saberes. Assim, protagonismo é mais do que sentar-se à mesa com direito de fala, mas é decidir juntos e se comprometer com um estilo de vida que as gerações passadas não souberam trilhar.

Na carta para o evento *The economy of Francesco*, o Papa Francisco chama a atenção para as inquietações saudáveis carregadas pelos jovens em seus corações, as quais precisam de espaço e condições de manifestar-se para reconstruir uma civilização justa.

Caríssimos jovens, sei que vocês são capazes de escutar com o coração os gritos cada vez mais angustiados da terra e de seus pobres em busca de ajuda e de responsabilidade, ou seja, alguém que ‘responda’ e não se vire para o outro lado. Se ouvirdes o vosso coração, sentireis que sois portadores de uma cultura corajosa e não tendes medo de assumir riscos e comprometer-vos a construir uma nova sociedade (FRANCISCO, 2019).

Especialmente nos últimos anos, a Igreja favoreceu um percurso de crescimento da organização de grupos juvenis e este processo se revela na organização deste grande evento sobre a economia. Por conseguinte, o elemento que nos chama a atenção é aquele do protagonismo, favorecido por este percurso. São quatro partes importantes deste processo: convocação, nucleação, iniciação e militância. Na primeira etapa, a *convocação*, os jovens são convocados para uma missão específica. Essa convocação não significa apenas um convite geral, mas o reconhecimento de que o jovem é fundamental para este caminho de sinodalidade. Na segunda etapa está a *nucleação*, a qual trata especificamente da organização em grupos para que os integrantes se conheçam melhor e somem forças nos ideais. Nessa fase, vemos a formação de muitos grupos que se encontram, muitas vezes online, para tratarem de temas nos quais são espertos e que estão ligados com uma nova economia. A terceira etapa compreende a *iniciação*, que tem como base a formação de cada pessoa, porém, ao mesmo tempo, dentro de um ideal comunitário. Essa formação não é transmissão de conhecimento,

mas partilha de experiências de modo que o conhecimento se torne comunitário. Nessa etapa é descoberto o valor de um percurso, pois se entende a necessidade de continuidade e ampliação nos projetos pessoais. Já a quarta etapa é a *militância*, e é neste aspecto que há o despertar para um compromisso sério e comprometedor. É o espaço da atuação como protagonista do grande cenário social (TEIXEIRA, 2005, p. 36).

Querer ser protagonista sem passar por essas fases é cair na arapuca do sucesso, é querer ser uma estrela, cujo destaque principal seja você mesmo. O percurso da convocação, nucleação, iniciação e militância testemunham o grande valor da comunhão e da sinodalidade, ou seja, do caminhar juntos.

5. Economia de compromisso e comunhão

O economista espanhol José Luis Sampedro, que tem defendido uma economia mais humana, capaz de favorecer uma dignidade dos povos, afirmou: *Quanto mais razões tenho para o pessimismo, mais motivos tenho para a esperança* (CASTILLO, 2012, p. 184). Essa não é apenas uma frase de efeito, é uma realidade que, por mais que os economicamente potentes deste mundo a queiram ocultar, está aí, com todo vigor. De fato, há uma esperança que supera todo pessimismo, não uma esperança passiva, mas aquela que engravida a vida para que nasça uma nova humanidade, aquela solidária, mais cuidadosa com o humano do que com os dados econômicos.

Mesmo dentro da realidade eclesial fala-se de uma Igreja dos pobres, feita pelos pobres e para os pobres, sobretudo, após o Concílio Vaticano II, quando a Igreja na América Latina fez sua opção pelos pobres (PUEBLA, n. 382). No entanto, essa opção é uma missão que jamais foi realizada plenamente. Leonardo Boff chama a atenção para a expressão pobreza, e afirma: *Em primeiro lugar devemos manter claro que a pobreza não é nenhum valor em si mesmo. Pobreza concreta inclui míngua, fome, escravidão à doença e a toda sorte de limitações que poderiam ser superadas pela ausência da pobreza* (BOFF, 1998, p. 278).

A opção feita pela Igreja, não deve ser somente em uma realidade mística, pois a realidade de muitos povos é realmente uma questão material, falta-lhes o mínimo necessário para viver. Talvez seja esse o motivo do Papa Francisco falar em um pacto para mudar a atual economia, ou seja, reconhecer a urgência de uma economia de compromisso e de comunhão:

O capitalismo conhece a filantropia, não a comunhão. É simples doar uma parte dos lucros, sem abraçar nem tocar as pessoas que recebem aquelas “migalhas”.

Ao contrário, até cinco pães e dois peixes podem alimentar multidões, se forem a partilha da nossa vida inteira. Segundo a lógica do Evangelho, se não se dá tudo, nunca se doa o suficiente. (FRANCISCO, 2017)

Não podemos pensar somente em um novo estilo de capitalismo no qual os pobres sejam ajudados. Se pensarmos assim, continuaremos na mesma lógica do atual modelo. É necessário dar a oportunidade a todo ser humano de entrar em uma comunhão, em que o compromisso com o desenvolvimento integral seja assumido, especialmente pelos chefes de Estado.

A economia de comunhão tem como referência principal o pensamento de Chiara Lubich, a qual prevê o envolvimento e o compromisso de todos, com o intuito de, a partir da comunhão, ter a gratuidade e a reciprocidade como a finalidade da economia. Esse modelo proporciona laços sociais que contribuem para o desenvolvimento humano integral. Na comunhão está a reciprocidade criadora de laços sociais de compromisso com o humano e nisso está um valor inestimável, porque tende a superar o *homo economicus* e ir ao encontro da empatia, da sociabilidade, do altruísmo, da reciprocidade. Em sua visita ao Brasil em 1991, Chiara Lubich propôs o desafio da cultura da partilha nas diversas esferas da organização social, tendo como base um novo modelo de gestão e de lucro empresarial. Em razão disso, o novo pilar do sistema econômico deve ser, portanto, a comunhão. (ZAPPALÀ, 1992).

Essa proposta, que em muitos lugares já está se tornando realidade, é um modo de superar, também, o *animal laborans*, conceito usado por Hannah Arendt (ARENDR, 2007, p. 333) referindo-se ao homem moderno consumidor do fruto de seu trabalho na busca da simples subsistência. É o homem que vive para trabalhar, perdendo o contato com o mundo das coisas e dos outros. São pessoas que sobrevivem sem ideais, que visam somente sobreviver com o trabalho e por isso não se abrem aos sonhos ou a outros aspectos da vida.

Da mesma forma, um ponto que não pode ficar de fora, quando o tema é o rosto humano na economia, é a situação dos imigrantes. Com toda situação de exploração humana, não podemos nos esquecer de considerar a situação dos imigrantes, tanto da América do Sul para a América do Norte, quanto da África para a Europa. Nesse sentido, Castilho é taxativo ao afirmar:

Não há quem possa deter isso. Não o deterão nem as muralhas de Ceuta, Melilla (...) e aquela entre México e Estados Unidos, nem a polícia dos aeroportos, nem a polícia civil que vigia o litoral e prende aqueles que chegam em balsas. Os grandes movimentos migratórios, impulsionados pela fome e pelo desespero,

não são detidos nem com leis, nem com ameaças, nem com polícia (CASTILLO, 2012, p. 177).

A política de repressão aos imigrantes tem dado péssimos resultados, obrigando muitas pessoas padecerem de atrozes sofrimentos tanto na atitude de fugir ou deixar seus países, como na tentativa de entrar em outras nações. No entanto, já que as organizações de controle policial não conseguem deter os grupos de imigrantes, é necessário pensar que eles serão *detidos somente com a prática da justiça, com respeito aos direitos humanos e mediante leis de comércio justo que igualem efetivamente a condição de todos os povos do mundo* (CASTILLO, 2012, p. 177). E isso não é um sonho utópico, mas é um sonho que já começa a ser realizado com a convocação de um evento como este em que olha para as boas propostas de uma economia que se mantenha em estreita ligação com a ecologia e ao mesmo tempo, que valorize os jovens que sonham com uma sociedade onde as relações humanas encontrem espaço adequado.

A economia de comunhão deve ser construída com os que partem e com os que chegam, apostando na mudança de regras do sistema econômico-social. *Não é suficiente imitar o bom samaritano do Evangelho (...). Mas é necessário agir sobretudo antes que o homem caia nas mãos dos salteadores, combatendo contra as estruturas de pecado que produzem bandidos e vítimas* (FRANCISCO, 2017). A vida digna é um direito e um dever de todos, empresários e trabalhadores. Nenhuma pessoa merece as amarguras da pobreza enquanto outros vivem os deleites da fartura.

Considerações finais:

Como foi possível observar no texto, os diversos problemas enfrentados na realidade atual – empobrecimento, violência, vidas descartadas etc. – são resultados dramáticos de um modelo econômico que se apresenta em uma *economia sem rosto* (FRANCISCO, 2013, n. 55). Por isso, a iniciativa do evento *The economy of Francesco* é construir com os jovens uma nova economia baseada no valor humano, objetivando que o mundo tenha uma economia viável, socialmente construtiva, ambientalmente sustentável e eticamente responsável.

Ao questionarmos-nos, assim como o Papa Francisco, sobre o rosto da economia, pensamos, necessariamente, no rosto humano, mas sobressai a pergunta: qual humano? Na nossa realidade latino-americana, o sistema econômico vigente favoreceu a formação de uma imagem do ser humano: a imagem de consumista. No entanto, se alguém não tem condições técnicas para produzir e não tem poder econômico para consumir é considerado fora de padrão e em função disso é excluído. De modo

semelhante, outra imagem formada do ser humano é a da liberdade individual. É reconhecido o indivíduo e o bem individual e não o bem comum. E o indivíduo pode ser livre à medida que obtenha condições para isso. Com a referida postura, esquece-se que a liberdade implica na capacidade de dispor de si mesmo para criar comunhão.

Em conformidade com o que foi pontuado, o ideal de criar comunhão passa por uma sociedade que decida caminhar juntos, de modo que insira todos, com suas capacidades e limites, em uma vida de sociabilidade. Ainda não ouvimos falar com tamanha frequência de sinodalidade, principalmente relacionada a questões econômicas, mas o que procuramos desenvolver neste artigo é o estilo de caminhar juntos, o qual determinará o futuro da nova economia. Pensar no caminho é tão importante quanto pensar no resultado.

Percebemos, no decorrer deste texto, que a exclusão é uma realidade gerada pelo atual sistema econômico que se mostra desumano. A vida é colocada ao mesmo nível de outras coisas ou criaturas gerando essa inversão intolerável na dimensão antropológica. É essa a razão da insistência do Papa Francisco em uma economia que tenha um rosto humano, sabendo que o ser humano não pode viver sozinho, isolado e egoisticamente (EG 87 e 89). O ser humano tem poder de transformar o mundo, e nesse sentido, revela-se uma antropologia plena de possibilidades e capacidades, principalmente a de reinventar o próprio caminho com uma necessidade de comunhão ou de amor aos outros e ao mundo.

Referências bibliográficas:

- ARENDDT, H. *A condição humana*, Rio de Janeiro, Florense Universitária, ¹⁰2007.
- BOFF, L. *Teologia do cativo e da libertação*, Petrópolis, Vozes, 1998.
- CASTILLO, J. M. *Espiritualidade para insatisfeitos*, São Paulo, Paulus, 2012.
- CELAM, *Documento de Puebla*, São Paulo, Paulus, 2005.
- COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE. *La Sinodalità nella vita e nella missione della Chiesa*, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2018.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Const. Dog. Lumen Gentium*, AAS 57 (1965), 05-75.
- FRANCISCO. *Esortazione apostolica Evangelii Gaudium*, in AAS 105 (2013), 1020–1137.
- FRANCISCO. *Lettera Enciclica Laudato Si'*, in AAS 107 (2015), 847-945.
- FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes no encontro promovido pelo movimento dos focolares*, in, http://w2.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170204_focolari.html (acesso 04 de abril de 2020)
- FRANCISCO. *Discurso de Papa Francisco na abertura do Sínodo*, in, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco_20181003_apertura-sinodo.html (acesso 03 de abril de 2020).

- FRANCISCO. *Carta do Papa Francisco para o evento Economy of Francesco* in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-impreditori.html (acesso 03 de abril de 2020).
- GUTIÉRREZ, G. *A verdade vos libertará. Confrontos*, São Paulo, Loyola, 2000.
- LIBANIO, J. B. *Olhando para o futuro. Prospectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina*, São Paulo, Loyola, 2003.
- SÍNODO DOS BISPOS 2018. *Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional. Documento Final*. In: <http://www.synod.va/content/synod2018/pt/documento-final-del-sinodo-dos-bispos--os-jovens--a-fe-e-o-disce.html>
- SÍNODO DOS BISPOS 2019. *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral. Instrumentum Laboris*. In: <http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/instrumentum-laboris-do-sinodo-amazonico.html>
- TEIXEIRA, C. L. (Org). *Passos na Travessia da Fé: metodologia e mística na Formação Integral da Juventude*, São Paulo, CCJ, 2005.
- ZAPPALÀ, R. *Comunismo – capitalismo – comunione. Riflessione in chiave antropologica*, in Rivista Bimestrale di Cultura Nuova Umanità, ano XIV, março-giugno 1992, n. 80-81, Grottaferrata (Roma).